

ONCOLOGIA/ Gustavo Ribas, chefe da Assessoria de Política de Prevenção e Controle de Câncer (Asccan), da SES-DF, destaca que a fila para consulta de pacientes está zerada, mas dados obtidos pela reportagem mostram outro cenário

Ed Alves/CB/DA.Press



Apenas o Hospital de Base pode ser considerado um Cacon

Secretaria nega falta de médicos

De acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF), não faltam médicos e profissionais na área de oncologia. “Atualmente, a fila para consulta de pacientes oncológicos no DF está zerada”, garantiu Gustavo Ribas, oncologista clínico e chefe da Assessoria de Política de Prevenção e Controle de Câncer (Asccan), em entrevista ao **Correio** em 25 de setembro. Segundo ele, houve uma alteração no processo de trabalho das unidades assistenciais e isso acabou causando um represamento das primeiras consultas. Porém, dados obtidos pelo **Correio**, por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), mostram que, em agosto de 2023, havia 375 pacientes na fila de espera para consultas oncológicas no SUS no Distrito Federal, o mais antigo aguardando atendimento desde 24 de abril. No mesmo documento, foi informado que houve um mutirão no Hospital de Base do DF, com diminuição da fila a partir de setembro de 2023. Questionada novamente pelo **Correio** sobre o número atual de pacientes que aguardam consultas oncológicas, a assessoria da secretaria respondeu que “os dados são dinâmicos.”

Cada estado vai precisar redimensionar a rede de saúde para atender essa população. Precisamos ter mais consultas, mais profissionais de saúde, mais hospitais para que as pessoas consigam acesso”

Helena Esteves,
coordenadora de advocacy da ONG Oncoguia

De acordo com o relatório Demografia Médica no Brasil deste ano, produzido pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), há 246 oncologistas clínicos e cirurgiões oncológicos registrados no Distrito Federal, distribuídos na rede pública e privada. No entanto, segundo informações obtidas pelo **Correio** via LAI, há somente 37 oncologistas (15% do total) na rede pública do DF atualmente, e apenas um deles é oncologista pediátrico.

A falta de profissionais no sistema público dificulta a rotina dos hospitais, ressalta o presidente do Sindicato dos Médicos do DF (SindMédico-DF), Gutemberg Fialho. “Você termina sendo pressionado a atender um volume elevado de pacientes e isso aumenta o risco de uma hipótese diagnóstica equivocada, de um tratamento equivocado por excesso de trabalho e por falta de condições ideais de exercer o ato médico.”

O número de hospitais oncológicos não acompanha o aumento de casos. Em 2022, o Distrito Federal registrou 4.375 casos de câncer, segundo o Datasus, do Ministério da Saúde. Neste ano, a estimativa do Instituto Nacional do Câncer (Inca) é que sejam registrados 6.240 novos casos de câncer. Com base nesses dados e

na legislação vigente, o número atual de Centros de Alta Complexidade em Oncologia (Cacons) e Unidades de Alta Complexidade em Oncologia (Unacons) existentes no DF é insuficiente para atender a demanda crescente da população. “Não é suficiente. (...) Precisamos de mais (unidades), pelo tamanho da nossa população”, reconheceu a secretária de Saúde, Lucilene Florêncio, em entrevista ao **Correio**.

Assistência

Desde dezembro de 2019, a Portaria nº 1.399 do Ministério da Saúde estabeleceu que deve haver um Cacon/Unacon a cada mil novos casos anuais estimados de câncer. Cacons e Unacons são centros hospitalares que oferecem assistência integral, geral e especializada aos pacientes com câncer, atuando no diagnóstico e tratamento do paciente. Essa assistência especializada, segundo o Ministério da Saúde, inclui diagnóstico, cirurgia oncológica, radioterapia, quimioterapia (oncologia clínica, hematologia e oncologia pediátrica), medidas de suporte, reabilitação e cuidados paliativos.

Ao buscar informações sobre quais unidades hospitalares oferecem esse tipo de assistência no DF, no entanto, pacientes com câncer terão dificuldades em identificar precisamente onde buscar tratamento. Na realidade há somente quatro unidades de alta complexidade em oncologia no Distrito Federal, embora o site do Ministério da Saúde e dados obtidos via LAI pelo **Correio** junto à SES-DF informem o dobro de unidades — Hospital de Base, Hospital Universitário de Brasília, Hospital de Taguatinga, Hospitais Regionais do Gama, Asa Norte, Sobradinho e Ceilândia e o Hospital da Criança.

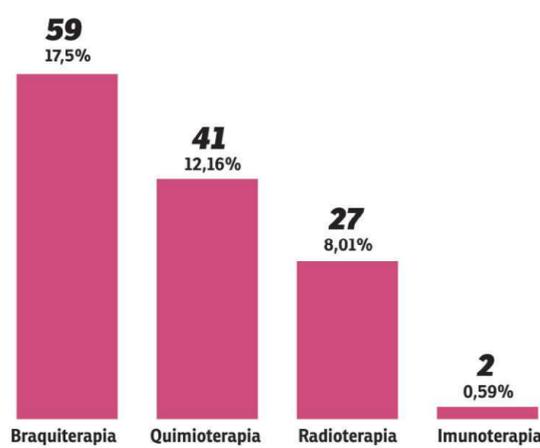
Na realidade, entretanto, apenas o Hospital de Base pode ser considerado Cacon e os hospitais de Taguatinga, HUB e da Criança são Unacons, informação confirmada pela secretária Lucilene Florêncio. Os Hospitais Regionais do Gama, Sobradinho, Asa Norte e Ceilândia — listados como Cacons pelo ministério e pela SES-DF — deixaram de realizar consultas de oncologia clínica desde março de 2021, oferecendo somente atendimentos cirúrgicos a pacientes com câncer desde então. Além disso, não disponibilizam radioterapia e quimioterapia. “Não são Cacons nem Unacons”, reitera a secretária. “Precisamos de toda uma estrutura para ser Cacon/Unacon.”

Questão de sobrevivência

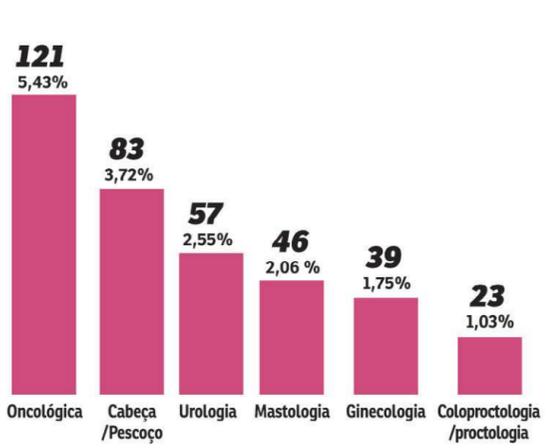
Pacientes oncológicos lideram ações judiciais para garantir atendimento na rede pública do Distrito Federal. Mapeamento foi feito pelo Ministério Público no período de abril de 2021 a abril de 2023



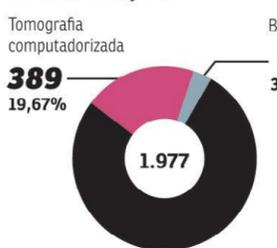
Terapias para pacientes com câncer representam 38,27% do total de ações



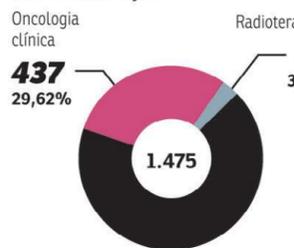
Cirurgias para pacientes com câncer representam 16,56% do total de ações



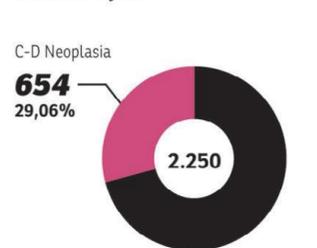
Exames para pacientes com câncer representam 22,96% do total de ações



Consultas para pacientes com câncer representam 32,67% do total de ações



Medicamentos para neoplasia (câncer) representam 29% do total de ações



Fonte: MPDFT

Pacientes

Médico da família residente, Ruben Davi de Paiva atua no rastreio e diagnóstico de câncer na Unidade Básica de Saúde 2 de Samambaia. Para ele, a principal escassez que existe é de recursos humanos, mas há vários fatores que

dificultam o tratamento contínuo dos pacientes. “Essa dificuldade de tratamento contínuo passa por diversas barreiras, isso inclui a regulação, os insumos, os recursos humanos, tudo isso faz parte.”

A coordenadora de advocacy Helena Esteves, da ONG Oncoguia, afirma que será necessário

dobrar o número de hospitais oncológicos no SUS, atualmente ao redor de 300 no país. Segunda principal causa de mortes no Brasil, ela diz que a expectativa é de que a doença passe a ser a principal causa de morte entre brasileiros até 2030. “Cada estado vai precisar redimensionar a rede de

saúde para atender essa população. Precisamos ter mais consultas, mais profissionais de saúde, mais hospitais para que as pessoas consigam acesso.”

*Equipe supervisionada por Andréia Lago e Raul Pilati, especial para o Correio